



INFÂNCIAS: ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR NUM ESPAÇO HOSPITALAR

SEQUEIRA, Maria Inez Soares¹;

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo¹

¹ Aluna do Curso de Especialização em Educação Infantil, Fae/UFPel; Professora Orientadora, Dra em Educação, Fae/UFPel, lfrison@terra.com.br.

1. Introdução

Ao ingressar no Curso de Especialização em Educação Infantil busquei realizar uma investigação que tivesse ênfase no social, por ser egressa do Curso de Ciências Sociais. Com este trabalho, que está voltado para a compreensão do desempenho dos profissionais que atuam com crianças hospitalizadas, pretendo contribuir para a formação destes educadores, vislumbrando as reais necessidades das crianças inseridas nestes contextos.

A Constituição Federal de 1988 diz que o direito à educação é de todos e para todos, em quaisquer circunstâncias. Em conformidade com esta Lei, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), LEI nº 9.394/96, enfatiza que a educação também é considerada direito de todos.

Sendo a educação um direito a toda e qualquer criança e adolescente, as que estejam hospitalizadas também devem ter este direito garantido. Assim, a Lei do Direitos da Crianças e Adolescentes Hospitalizados, através da Resolução nº 41 de 13/10/1995, visa proteger a infância e a juventude.

2. Metodologia

Com a intenção de compreender como este trabalho é feito nos hospitais está sendo feita uma pesquisa de campo qualitativa de cunho exploratório, onde serão utilizadas as técnicas de observação e de entrevistas realizadas no hospital, local em que se encontram as crianças enfermas. Além disso, serão realizadas entrevistas com um representante do apoio pedagógico, um representante do apoio psicológico, um pai e uma criança, para coleta de dados relacionados ao trabalho voltado para o atendimento de crianças internadas.

As questões de pesquisa deste trabalho são: Como os profissionais que atuam no hospital agem para tornar menos sofrida a vivência de infância no ambiente hospitalar? Como as crianças, que vivem um determinado tempo dentro de um hospital, reagem ao sofrimento físico e psíquico? Existe algum trabalho recreativo específico voltado para o atendimento de crianças internadas? Como é feito o acompanhamento escolar das crianças internadas? Quem leva as atividades do aluno para a escola e da escola para o hospital?

Após a coleta de dados, os mesmos serão submetidos à técnica de análise de conteúdo de onde emergirão as categorias de análise.

3. Resultados e Discussões: Um pouco da história da infância

Até por volta do século XII, a infância não era representada dando a impressão que era pouco importante, sendo apenas um período de transição, logo esquecida.

Durante muito séculos inúmeras pinturas, gravuras e tapeçarias representavam a reunião familiar em que crianças e pais eram retratados, geralmente, em ocasiões de refeições.

Entretanto, no século XIV as pinturas já mostravam crianças misturadas aos adultos, participando de reuniões ou atividades que, aparentemente, não eram próprias para crianças. Este fato se justifica no sentimento de indiferença do adulto em relação à infância.

No século XVII, as crianças que até então eram retratadas em atividades com adultos, passam a serem representadas sozinhas, na pintura. Agora todas as famílias queriam possuir retratos de seus filhos, um hábito que surgiu com este século e nunca mais desapareceu.

Nas brincadeiras e jogos, não existia diferença entre as realizadas por crianças e adultos. A boneca, por exemplo, era brinquedo de meninos e meninas. Em relação aos trajes, as crianças usavam os mesmos dos adultos, roupas desconfortáveis que deixavam os pequeninos com jeito de mini adultos, o que demonstrava o quanto o adulto não tinha a menor preocupação com o universo da criança.

No fim do século XVIII, os trajes das crianças se tornam mais leves e folgados. Mesmo assim, os meninos quando pequenos eram vestidos com camisolões que pareciam vestidos de meninas, quando mais crescidos, os meninos eram vestidos com trajes inspirados na farda dos marinheiros. As meninas, por outro lado, levaram mais tempo para se libertarem dos trajes dos adultos.

Nos séculos XVIII e XIX, as crianças aprendiam música muito cedo, cantigas que não eram parecidas com as de roda infantis do último século. Também neste século que surgiu a fotografia que veio para substituir a pintura e mudar todo um conceito de retratar as famílias, uma vez que não mais se verificava a influência do artista nas pessoas retratadas.

Na educação, a criança também era desconsiderada. Não havia preocupação dos adultos na formação da criança, que de zero a seis anos, sua educação era restrita aos cuidados domésticos dentro da própria família.

Hoje, entretanto, existe uma grande preocupação com o bem estar das crianças, o que não acontecia nos séculos passados. Na área da educação como na área da saúde encontramos profissionais focados em tornar a infância mais prazerosa.

Quando uma criança é hospitalizada, os ambientes são mais acolhedores e seguros, com cores e decoração que transmitem energia positiva e tranqüilizadora, proporcionando um período de internação menos estressante. Geralmente, a rotina do hospital, mesmo para as crianças, é rigorosa porque impõe horários e práticas hospitalares, que é bem diferente aos horários que estão acostumadas fora do ambiente hospitalar.

É importante perceber que as crianças e seus familiares chegam ao hospital já com suas histórias e que precisam redimensionar sua nova trajetória de vida. Para

tanto, devemos valorizar sua cultura, memória e o modo como ela reage à nova situação que se apresenta.

4. Conclusão provisória da pesquisa

Como ainda não coletei os dados no hospital, com os profissionais que trabalham com crianças hospitalizadas e ainda não tive contato com as próprias crianças, não tenho clareza da dimensão das contribuições que desta pesquisa poderá proporcionar. No entanto, gostaria que ao término deste trabalho, a expectativa de construir conhecimentos sobre este assunto possa ser alcançada, bem como, poder contribuir com os profissionais que trabalham com as crianças hospitalizadas, para que se possa diminuir o sofrimento psíquico que atinge a maioria das crianças que se encontram hospitalizadas.

Entende-se que é necessário que as instituições hospitalares que recebem crianças tenham a preocupação com ações pedagógicas e com o lúdico, para tornar o ambiente mais acolhedor. Não apenas o ambiente hospitalar adequado, mas que se preocupem com o brincar, o desenhar e que a leitura oportunize a criança a possibilidade de expressar seu sentimento, desenvolvendo a memória e a imaginação.

Pretende-se que o conhecimento que emergirá desta pesquisa, subsidie não só os profissionais que trabalhem no hospital, mas a todos os profissionais/educadores que recebem crianças em sala de aula, oriundos de internações em estabelecimentos de saúde.

5. Referências bibliográficas

Lindquist, Ivonny. **A criança no Hospital. Terapia pelo brinquedo.** 1ª ed. Suécia: Scritta, 1993.

Alcântara, Eliana Bess d'. **Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde.** Belo Horizonte, MG: 2007. Ano 3. nº 6.

Relatório final de projetos de pesquisa: **Expressão da emoção por meio do desenho de uma criança hospitalizada.** Disponível em: <http://www.scielo.br>; Acesso em: 24 jun 2009.